

Ministra anuncia R\$ 202 milhões ao 'SUS gaúcho'

Parte dos recursos será para recuperar e construir Unidades de Saúde

/ CLIMA

Maria Amélia Vargas
mavargas@jcrs.com.br

Em nova atualização das medidas tomadas pelo governo federal para auxiliar o Rio Grande do Sul após a tragédia climática que afeta o Estado desde o final do mês de abril, o Ministério da Saúde comunicou a publicação de portarias que destinam um total de R\$ 202,2 milhões para reforço do Sistema Único de Saúde (SUS). O anúncio ocorreu durante coletiva de imprensa realizada em auditório do Banco do Brasil, em Porto Alegre, no início da tarde de ontem.

“Algumas dessas ações já estavam em curso antes do desastre ambiental, mas foram aceleradas e aperfeiçoadas nesse processo. Então, em relação a recursos emergenciais, serão liberados R\$ 66,3 milhões à farmácia básica na atenção primária”, explicou a titular da pasta, Nísia Trindade.

Além disso, ela divulgou um valor de R\$ 56,6 milhões, em parcela única, para o custeio de atendimentos de adultos acometidos por doenças respiratórias graves e R\$ 135,9 milhões para um trabalho de fortalecimento do SUS, o que inclui a recu-



Medidas terão início com a retirada da água e da lama, diz Pimenta (c)

peração e construção de novas Unidades Básicas de Saúde em 33 municípios.

O ministro Extraordinário de Apoio à Reconstrução do Rio Grande do Sul, Paulo Pimenta, ressaltou que as medidas começam a ser desenhadas a partir da retirada da água e da lama dos imóveis atingidos. Por isso, segundo ele, o momento é de ampliar a capacidade das bombas de drenagem para que esse serviço seja acelerado.

“Já são três mudanças importantes que vão ter impacto em situações semelhantes que venham a ocorrer. Primeiro, a criação do rito sumário, para que os municípios possam receber adiantamento mediante ofício. Segundo, a criação da política de apoio do bem-estar animal, per-

mitindo que as prefeituras recebam recursos com ritos bastante simplificados. E agora, a terceira mudança que permite a inclusão do trabalho de esgotamento de água”, elencou Pimenta.

Presente no encontro com a imprensa, o ministro da Integração e Desenvolvimento Regional, Waldez Góes, destacou que já começa a conversar com prefeitos de diferentes regiões do Estado para traçar os planos de reconstrução.

De acordo com ele, ao menos 318 planos já foram aprovados. Entre eles, o que trata da liberação dos R\$ 51,1 mil para as famílias atingidas pela tragédia. “As prefeituras vão fazer o cadastro, e a Caixa Econômica Federal se encarrega do pagamento desses recursos.”

Água volta em hospitais, mas ETA Moinhos segue com problemas

Osni Machado
osni.machado@jornaldocomercio.com.br

Com a normalização gradual do abastecimento de água em Porto Alegre, os hospitais da Capital estão retomando os atendimentos. Diversos procedimentos haviam sido interrompidos desde o início do mês devido à interrupção das operações em Estações de Tratamento de Água (ETA) do Dmae em decorrência das enchentes. O fornecimento de água vinha sendo realizado apenas por caminhões-pipa, o que limitava os serviços prestados pelas instituições.

No Hospital Moinhos de Vento, o abastecimento de água foi normalizado na segunda-feira. Com isso, as consultas, procedimentos, exames e cirurgias eletivas foram retomados, seguindo todos os protocolos de segurança e qualidade. Segundo o Moinhos, segue a orientação para que os pacientes busquem os serviços de emergência somente em casos de alta complexidade e em situações urgentes.

Desde o dia 3 de maio, o hospital era abastecido por meio de caminhões-pipa do Dmae. De acordo com a instituição, todo o recurso hídrico recebido foi testado com o objetivo de garantir a segurança e a qualidade da água antes de entrar nos reservatórios.

No Hospital Fêmeina, que faz parte do Grupo Hospitalar Conceição (GHC), o abastecimento pela rede do Dmae foi regularizado também, e no momento estão

sendo realizados procedimentos necessários para expurgar resíduos da tubulação. Segundo o Fêmeina, o reservatório segue sendo abastecido por caminhões-pipa. A previsão era de que voltasse à normalidade até a noite de ontem. A realização de consultas e exames no Fêmeina ocorre normalmente, porém as cirurgias estão temporariamente canceladas. Os demais hospitais do GHC, entre eles o Hospital Materno Infantil Presidente Vargas (HMIPV), estão com abastecimento normal.

O fornecimento de água também está normalizado no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), na Santa Casa de Misericórdia e no Hospital de Pronto Socorro (HPS).

Os hospitais Moinhos, Fêmeina, HMIPV, Clínicas, Santa Casa e HPS são abastecidos pela ETA Moinhos de Vento, responsável pelo abastecimento de 21 bairros de Porto Alegre. A ETA Moinhos precisou reduzir a sua vazão para 750 litros por segundo em virtude do excesso de terra que está sendo captado junto às bombas. A assessoria de imprensa do Dmae informa que essa matéria orgânica causa entupimento nos motores.

O departamento também está realizando trabalho nos locais que estão com ar na rede e a água não chega. Em relação à normalização plena do abastecimento na ETA Moinhos de Vento, o Dmae segue sem uma estimativa. As demais ETAs estão normais neste momento.

Berço do samba, Quilombo Areal da Baronesa tenta se reconstruir após a água baixar

Júlia Fernandes
geral@jornaldocomercio.com.br

Das 84 famílias que residiam no Quilombo Areal da Baronesa, no bairro Praia de Belas, apenas cinco conseguiram retornar para suas casas. No dia 6 de maio, os moradores viram a água da enchente invadindo a comunidade e destruindo o que gerações levaram para construir. Conhecido por ser o berço do samba de Porto Alegre, o Areal da Baronesa tenta se reconstruir agora que a água baixou na região. Desde sábado, moradores e voluntários se reúnem para limpar e reerguer novamente o quilombo.

Ontem, apesar de encontrar montes de entulho e lixo no acesso ao Areal, já era possível ver o recomeço. “Encontramos muita

destruição, casas muito vulneráveis. Priorizamos a limpeza, limpando quase todas as casas. A maioria do lixo já saiu. Acho que já agimos em 80% da comunidade”, afirma Paulo Cezar Silveira, mestre de bateria e secretário do projeto Areal do Futuro.

De acordo com o presidente da associação de moradores, Alexandre Ribeiro, a maioria teve perda total do que havia nas residências. “Tem casas que não têm nada, somente as paredes”, declara.

Neste momento, Ribeiro, assim como outras lideranças à frente do Areal, tentam articular os benefícios para a comunidade em relação à infraestrutura e recuperação de casas. “É uma tristeza muito grande ver os moradores sem nada. As crianças

perguntando ‘pai, cadê a minha cama? Mãe, cadê a minha cama?’. Perdemos tudo”, desabafa.

Rafael Portela é entregador e mora no local há 22 anos. Ele e a família conseguiram salvar somente a geladeira e um televisor. “Colocamos no segundo andar da casa do vizinho. A televisão eu já tirei debaixo d’água com meu sobrinho. Saímos com ela no braço”, lembra. Portela também voltou para o quilombo no sábado para começar a limpar sua casa. “A gente viu muita lama, muita sujeira, muita destruição. Nossas coisas, que a gente leva a vida para construir e para comprar, foram levadas do nada”, comenta.

Além de ser o lar de muitas famílias, o quilombo do Areal da Baronesa é o lar, ou pelo menos o berço, do samba. No prédio do

Areal do Futuro, onde acontecem as aulas de percussão, samba, música, mestre-sala e porta-bandeira, a água também chegou. Todas as caixas de som amplifi-

cadoras do projeto foram perdidas. “Já demos uma limpada e reciclamos o que vai dar para usar e vamos continuar. Vamos para frente”, declara Silveira.



Casas já passaram por limpeza e maioria do entulho foi retirada